

# RECENSÃO CRÍTICA

## SOMBRAS DE HOMENS BRANCOS

Filipe Furtado \*

*Shades of Adamastor: An Anthology of Poetry*, introdução e selecção de M. van Wyk Smith, Institute for the Study of English in Africa, Rhodes University, Grahamstown, 1988

Poucos se têm dedicado a estudar o grau de importância e de permanência atingido pela imagem que descobridores, conquistadores e colonos portugueses suscitaram nas mentalidades e nas subsequentes produções culturais de muitos dos povos com que essas figuras mais ou menos episodicamente entraram em contacto. Tal se verifica sobretudo em relação a sociedades e países cujo encontro com o devir de Portugal, apesar de mais fugaz ou menos estreito, os tocou profundamente e neles mantém ainda hoje uma apreciável influência.

A muitos títulos curioso, portanto, é o aparecimento de uma antologia poética em inglês de autores sul-africanos reunindo textos que refletem os ainda fortes vestígios deixados no imaginário da África austral por mitos e factos reais ligados aos Descobrimentos e às relações de toda a ordem por eles desencadeadas.

Surgido em 1988, o volume parece posicionar-se como peça de algum relevo e, mesmo, de certo alcance oficioso nas comemorações da viagem que levou Bartolomeu Dias a ultrapassar o Cabo da Boa Esperança. Ora, no recente quadro político e social da África do Sul, celebrar a chegada dos primeiros europeus a essa região está longe de contar, mesmo entre a população branca, com a aprovação unânime recolhida por festividades similares em décadas anteriores, sendo, antes, susceptível de gerar situações no mínimo delicadas, polémicas e potencialmente conflituais.

Parte integrante da evocação dos navegadores portugueses, patrocinada pela respectiva comissão estatal (Dias 88 National Festival Com-

---

\* Professor Auxiliar no Departamento de Estudos Anglo-Portugueses da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (Universidade Nova de Lisboa).

mittee), uma antologia poética correria quase inevitavelmente sérios riscos. Poderia, por exemplo, basear-se em critérios habilmente discriminatórios na escolha dos textos, limitando-se a reiteraões acrticas de louvores já proferidos e à reprodução atenta e obediente do discurso do poder. Facilmente se tornaria, assim, uma homenagem privativa de brancos e para brancos, marginalizando e, de facto, hostilizando a grande maioria da população.

Esta a eventualidade mais provável, já que, no contexto vertente, a alternativa oposta de uma colectânia orientada para perspectivas radicais, privilegiando textos altamente politizados, estaria por natureza excluída. Algo inesperadamente, evitando ambas as opções anteriores e situando-se numa posição quase equidistante face a elas, a presente obra consegue atingir um razoável grau de eclectismo e de representatividade com a gama epocal, estética e ideológica dos poemas nela incluídos.

Compilada por Malvern van Wyk Smith, professor da Rhodes University em Grahamstown, permite, entre outras surpresas, descobrir o fascínio que para a literatura sul-africana de expressão inglesa constituem Camões, o seu mito-chave e, de forma mais global, diversos momentos da expansão portuguesa.

Ao longo dela, perpassam tanto os homens, os navios ou os instrumentos de marear, como as memórias hediondas do escorbuto, dos temores, das danações e das mil mortes conhecidas pela marinhagem de então. Lá se encontram igualmente, embora apenas em poemas das últimas décadas, reacções cada vez mais claras e intensas da população negra do país perante a opressão da minoria branca. A estes e a muitos outros aspectos, soma-se a rica temática da viagem, com alguns dos motivos mais fecundos e originais que lhe são inerentes, mas também, acentue-se, com vários dos seus mais visitados lugares comuns.

Abrindo com um estudo introdutório que cumpre a dupla função de esclarecer e de problematizar, a colectânea propriamente dita divide-se em quatro partes. A primeira compreende apenas textos (em tradução inglesa) de três autores portugueses: Camões, Fernando Pessoa e Joaquim Paço d'Arcos. Um reparo se poderá, contudo, levantar: a inclusão de Joaquim Paço d'Arcos a par de dois vultos fundamentais, sem qualquer alusão aos desníveis de vária ordem que deles o separam, é no mínimo pouco abonatória dos critérios seguidos na antologia, além de conducente a equívocos evitáveis por parte de leitores naturalmente distantes da literatura portuguesa. Seguindo o mesmo raciocínio, caberia perguntar ainda: porque não, por exemplo, também Rui Knopfli, José Craveirinha, Alberto de Lacerda ou Jorge de Sena?

Nas três restantes partes, a colectânea passa a ser exclusivamente composta por textos em inglês de autores sul-africanos.

A segunda parte inclui sobretudo poemas publicados entre 1830 e a década de 30 do nosso século, embora feche com uma composição de 1981. Aqui predominam as celebrações de feitos dos navegadores portugueses, a par de descrições apologéticas da região do Cabo e de evocações idealizadas do Adamastor. Embora, curiosamente, o primeiro texto (e segundo mais antigo) desta secção (o soneto «The Cape of Storms» (1834) de Thomas Pringle) dedique uma quadra aos servos, aos escravos e aos

exilados (eco provável do então crescente movimento abolicionista), os restantes obedecem quase por completo ao padrão atrás descrito.

A iniciar a terceira parte, surge «Rounding the Cape» (1930) de Roy Campbell, ponto de partida tanto para mais prospectivas opções formais, como para novas e fecundas abordagens de toda a esfera semântica relacionada com o Cabo. Seguem-se-lhe poemas sobretudo publicados entre as décadas de 40 e de 80 que, de vários modos, implicam uma viragem na leitura do passado e dos mitos da região.

Entre essas reavaliações conta-se a do Adamastor, cuja polissemia é crescentemente explorada, o mesmo se verificando quanto a uma percepção mais crítica dos contactos portugueses com a África austral:

He [Dias] did not guess  
What destinies of consciousness,  
Fleets, empires, tribes, tongues, gods  
Hung in his rotten rigging.

(Guy Butler, *A Pilgrimage to Dias Cross*, 1987)

Paralelamente, a região do Cabo vai deixando de ser objecto de elogios impressionistas às suas belezas naturais para se tornar símbolo da exploração do desconhecido ou do destino problemático do país.

Na quarta parte, por sua vez, embora os poemas incluídos continuem a rondar muitos elementos temáticos dos anteriores, abordam já predominantemente, com a insistência e a acutilância possíveis, questões raciais e scociopolíticas da África do Sul contemporânea. Sobretudo em textos de autores pretos, a essas tendências soma-se uma perspetivação amarga, não raro sarcástica e revoltada, dos contextos históricos e míticos em que, desde as origens à actualidade, os portugueses e outros europeus avultam como protagonistas da colonização.

Ao abordar, na introdução, a simbologia milenarmente urdida sobre a África pelo imaginário europeu anterior aos Descobrimentos, van Wyk Smith parte do modo contrastante como, desde a Grécia antiga, eram concebidos os povos que se pressupunha existirem nas costas Índica e atlântica do continente negro.

Segundo essa dicotomia, a «Etiópia oriental» e a sua homóloga do ocidente opor-se-iam tão diametralmente como os conceitos de bem e de mal, reflectindo tal antítese, nos finais da Idade Média, o próprio conflito que há séculos dividia cristãos e muçulmanos. Sobre a primeira das «Etiópias» criara-se a imagem de uma terra de cristãos, sobretudo fascinante devido ao fabuloso reino do Preste João, aliado potencial dos europeus contra o mundo islâmico, enquanto na segunda, a ocidente, abundariam os mouros e outros infiéis, inimigos implacáveis que urgia dominar e converter.

A esta geografia simbólica, somava-se a noção de um extremo sul, de um cabo no fim das terras, lugar de confluência das duas costas cujo exemplo mais antigo e duradouro terá porventura sido o lendário «Promontório Prasso» de Ptolomeu. Dele se viria a apoderar a imaginação literária, sobretudo depois de descoberto o seu homólogo real, metaforizando-o incessantemente como lugar de partição e de passagem entre as tormentas e a «boa esperança», entre os lados «mau» e «bom» da África.

Região onde o homem branco se multiplicaria como em nenhuma outra do continente, nela exercendo o seu mais duradouro predomínio até hoje, o Cabo passou, naturalmente, a ser concebido como fronteira de eleição entre o «civilizado» e o «selvagem», terra entre todas prometida ao colono europeu. Por outro lado, como vértice do ângulo formado pelas duas «Etiópias», parece ainda apontar com dedo hesitante para a solidão e o desconhecido implícitos no imenso mar austral. Na voz de Noel Brettell («Prospect», 1982):

Inscrutable, remote,  
Beyond imagination's utmost reach  
Nothing between me lies  
Before, oceans behind, the face of the oblivious ice.

Embora Bartolomeu Dias e os seus marinheiros fossem os primeiros europeus a ultrapassar esta região, o feito, praticado despercebidamente na sequência de uma (hipotética?) tempestade, não dera, ainda que contra vontade do próprio comandante, imediata prossecução ao objectivo máximo das navegações portuguesas de quatrocentos: a chegada à Índia. Em consequência (e assim desde logo o entendeu Camões), não é a Dias mas a Vasco da Gama que cumprirá dar corpo ao mito e submeter-e ao verdadeiro ritual de passagem neste lugar decisivo: o encontro com o Adamastor, símbolo do Cabo e, em grande medida, de todo o continente.

Por isso, também na literatura sul-africana de expressão inglesa, o processo de mitificação das origens da nação branca incide com muito maior frequência sobre o descobridor da rota da Índia e, particularmente, sobre o monstro que o confronta. Com o desenrolar dos séculos e em novos enquadramentos históricos, este *spiritus loci* e o promontório por ele representado viriam, na mente e na escrita de numerosos poetas da África austral, a transformar-se em metáforas tão poderosas como já surgem n'Os Lusíadas e decerto com maior carga de significados do que o épico lhes conferira.

Mas o Adamastor é um avejão com pés de barro, ainda mais grotesco, inepto e desafortunado do que Caliban. Embora pareça agigantar-se colossalmente ameaçador, não passa de um degredado infeliz aos amores, lançando maldições inócuas e incapaz de levantar qualquer obstáculo inultrapassável ao avanço português e à subsequente invasão por outros europeus. Daí surgir mais tarde em muitos poemas sul-africanos quer como figura emblemática do continente vencido e violado pelo conquistador alheígena, quer como modesta bandeira de resistência e eventual vingança contra o tirano de outra cor.

Apesar de em grande medida já presentes no canto V d'Os Lusíadas, estas funções vêm a ser crescentemente reiteradas em diversos avatares do Adamastor desde as primeiras décadas do século XIX, com o avanço dos movimentos abolicionistas. De resto, a fecundidade semântica do monstro revela-se desde logo, como a introdução à colectânea sublinha, nos diversos tratamentos de que tem sido objecto pelos tradutores ingleses da epopeia, de Richard Fanshawe, nos meados do século XVII, a camonistas de décadas mais recentes (William C. Atkinson e Guy Butler), passando por Julius Mickle (século XVIII) ou Richard Burton (século XIX).

Para além de atingir um elevado grau de relevância na maioria dos poemas antologiadados, a esfera semântica circunscrita ao Adamastor co-existe e interliga-se em textos de décadas recentes com diversos outros motivos e áreas temáticas frequentemente expressos mediante dicotomias e antagonismos de vária índole.

Indissociável dos primeiros navegadores e conquistadores, assim como do colonialismo europeu em geral, a cristianização e o seu símbolo primeiro também encontram numerosos ecos, cujo tom, sobretudo desde os anos 30, sofre uma acentuada inflexão de sentido. Antes, essas alusões abundavam em apologias calorosas e desvanecidas, mesmo quando provinham de poetas pretos como A. K. Soga:

On Santa Cruz may it stand,  
As emblem, may it be  
The cheer of Good Hope; in the land  
Peace and Prosperity.

(«Santa Cruz: the Holy Cross», 1898)

Nas mais recentes, pelo contrário, prevalece a compreensão amarga e sarcástica do papel determinante da religião trazida da Europa como suporte ideológico do predomínio do branco sobre o negro. Em «Kwaaioek» (1972) de Vernon Forbes, a chegada da cruz pressagia iniludivelmente todos os males que em breve se abaterão sobre os crédulos nativos:

The ships stood out and dwindled in the west,  
And small brown men crept up, uncomprehendingly  
To view the cross, stark harbinger of doom  
For all their kind centuries to come.

O mesmo, apenas algo mais implicitamente, diz David Rubadiri em «The Tide That from the West Washes Africa to the Bone» (1973):

The tide that from the west  
With blood washes Africa  
Once washed a wooden cross.

Tudo isto se entrelaça com numerosas alusões às violências da conquista e da aculturação, assim como à ganância e aos incontáveis ardis do colono:

they came from the west  
sailing to the east  
with hatred and disease flowing  
from their flesh  
and a burden to harden our lives  
they claimed to be friends  
when they found us friendly  
and when foreigner met foreigner  
they fought for the reign  
exploiters of Africa

(Ingoapele Madingoane, «Africa My Beginning», 1979)

Com alguma frequência, diversas imagens contribuem para assimilar a penetração europeia a um acto sexual geralmente conotado com fecundação nos poemas mais antigos ou com violação nos mais recentes. Em «The Road to Bologna» (1960), Roy Macnab deixa subentender uma estreita homologia entre o vértice do Cabo e o sexo da negra possuída por um «velho marinheiro»:

Africa was the quiet negress,  
Her full imponderable shape  
Lured him from the seas' caress,  
To grasp her ankles at the Cape.

O próprio recurso a um arremedo da figura coleridgiana para amante da África deixa poucas dúvidas quanto à caracterização ética que se pretende conferir a este emblema do colonialismo europeu.

Também a cruz e tudo o que com ela se relaciona surge pela primeira vez no continente sob a forma obviamente fálica do padrão que esventra o solo: «...Europe's/ white phallus erect», lhe chama Geoffrey Haresnape em «Expedition» (1987).

As áreas temáticas aludidas apontam, por sua vez, para interrogações que inevitavelmente ocorrerão aos mais reflexivos entre os descendentes dos senhores de outrora, tanto sobre si próprios como sobre as contingências do seu futuro individual e colectivo. Como se depreende em vários poemas, o branco anglófono dá de si a imagem de um ser com identidade dúbia, dividida, de europeu que já não é, mas, em certo sentido, nunca deixou de ser, muito mais próximo dos habitantes do velho continente do que dos africanos, em cujo número, todavia, diz incluir-se:

In all of us two continents contend;  
Two skies of stars confuse us, on our maps

(Guy Butler, «Elegy», 1987)

Na mesma dicotomia radica outra, a ambivalência emocional que o mantém suspenso entre um pendor fortuito para o abandono e a quase inevitável premência do regresso, sem que para este, de qualquer modo, se encontre plena justificação:

Why do we return?

Down  
a vertical  
tube  
the moon  
says  
nix.

(Geoffrey Haresnape, «Ocean Voyage — a Return to RSA», 1982)

A opor a estas sombras omnipresentes de homens brancos que tudo invadem e submetem, que escravizam e segregam, nada haveria, até períodos recentes, excepto um mostrengo mais grotesco do que aterrador

ou uma resistência passiva, timorata e anódina. Daí, talvez, surgir com certa insistência, expressa ou subentendida em poemas da terceira e quarta partes, como virtual superação dessa inaniidade, a imagem de todo um continente na aparência adormecido mas emboscado na escuridão, escutando os ruídos da noite e esperando:

The land lies dark beneath the rising crescent,  
And Night, the Negro, murmurs in his sleep.

(Roy Campbell, «Rounding the Cape», 1930)

I can hear noisy Africa  
breathing loudly in the dark.

(Mike Nicol, «Ilha do Sal», 1976)

The Africa to wich we slide  
crouches tense beyond the phosphorescence.

(Geoffrey Haresnape, «Ocean Voyage — a Return to RSA», 1982)

Esperando, provavelmente, a hora de agir, de se tornar, enfim, sujeito do seu próprio percurso histórico.